

Título: AUTO-ENGANO: AUSÊNCIA DE REFLEXÃO OU OPÇÃO PELA MENTIRA?

Autora: Maria Rita Medeiros FONTES; **Orientador:** Prof. Dr. Ariano CORREIA

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela UFG

Palavras-chave: Pensamento. Reflexão. Autoengano. Mentira.

INTRODUÇÃO

A questão do pensamento que determina a convivência do indivíduo consigo mesmo perpassa as reflexões de Hannah Arendt no livro *Responsabilidade e Julgamento*, notadamente no capítulo intitulado Algumas questões de filosofia moral. Para a autora, o exercício da reflexão, de pensar acerca das próprias condutas se traduz no “fazer companhia para si mesmo”, e o resultado dessa prática pode conduzir ao discernimento do certo e do errado.

A discussão, que proposta neste artigo, se refere ao autoengano, diretamente relacionado ao comportamento das pessoas em relação ao nazismo, como parte integrante da tese apontada por Arendt sobre a realização do mal. Arendt deixa claro que a ausência do pensamento, da reflexão sobre as próprias ações, permitiu que pessoas comuns fossem, no mínimo, coniventes com as atrocidades impetradas pelo regime nazista, porque se dispuseram a deixar de lado princípios e valores tradicionais e se integraram à nova ordem do totalitarismo sem nenhuma reflexão crítica.

Entretanto, uma vez provocados pela propaganda tendenciosa e preconceituosa, é também possível especular que muitos foram movidos pelo autoengano e se permitiram acreditar nas mentiras disseminadas por essa campanha. A pergunta que se faz é: o autoengano é fruto da ausência de reflexão ou uma opção conveniente pela mentira?

MATERIAL E MÉTODO

O presente trabalho é parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida para a dissertação de mestrado a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia. O método escolhido é o de pesquisa bibliográfica, tomando-se como fio condutor uma filósofa contemporânea: Hannah Arendt. Tem-se como meta discutir questões de Filosofia política e Ética, especificamente sobre a mentira no cenário

político, trazendo para iluminar a discussão outros filósofos como Platão, Kant, Jacques Derrida, entre outros.

Nesta apresentação foi feita uma pesquisa sobre a questão da reflexão das ações relacionadas ao nazismo, em consonância com o capítulo Algumas questões de filosofia moral do livro Responsabilidade e Julgamento da autora citada.

DISCUSSÃO

É pouco provável que exista quem considere o racismo como uma questão apenas social. Pode-se afirmar que seja fundamentado na situação econômica, o que, por si só, pode ser considerado como algo inerente à estratificação social lançada primeiro pelo feudalismo, passando inequivocamente pelo crescimento da burguesia e notadamente pelo desenvolvimento do capitalismo. As camadas que configuram as desigualdades existentes em diversos países são formadas, usualmente, por representantes étnicos das chamadas minorias: os nigerianos na França, os curdos na Turquia e, de uma maneira mais disseminada, os negros nos países que foram colonizados pelos europeus, onde proliferou a escravidão. Observa-se que onde ocorre o desnível econômico-financeiro, frequentemente, o ônus discriminatório recai sobre os representantes das minorias étnicas, não importando a que região do Planeta se referira.

Assim, é possível constatar que não foi diferente com os judeus na Europa, especialmente no que diz respeito a países como a Alemanha que, após a derrota na I Grande Guerra Mundial, foi punida com a obrigação de indenizar os países invadidos o que, acrescido à necessidade de reconstrução das áreas destruídas pelos combates, foi o estopim para a deflagração da pior crise econômico-financeira que atingiu aquele País. A Alemanha, por volta do final dos anos 1920 sofria o caos econômico. A população ansiava pelo fim do caos e pela retomada da dignidade perdida pela derrota em 1918.

Embora possam ser enumerados vários fatores que contribuíram para a ascensão do sentimento nacionalista iniciado por Hitler e seus discursos inflamados e cheios de apelos ufanistas sobre a retomada do orgulho nacionalista, dentre eles é possível destacar a situação dos judeus, não só na Alemanha, mas disseminada no continente europeu. Devido às constantes perseguições religiosas impostas contra

esse povo, que proibiam aos judeus possuírem propriedades e terras em muitos países, a participação dessa comunidade na vida econômica foi marcada pela intolerância e pelo impedimento de realização de várias atividades, o que lhes proporcionou o desenvolvimento de habilidades no comércio ambulante, no intercâmbio dos negócios financeiros, no câmbio de moedas e na ourivesaria, dentre outras de menor importância. Tornaram-se exímios em não possuir bens e mestres habilidosos na área das finanças em geral. Em virtude de perseguições sistemáticas a que eram submetidos, viviam em pequenas comunidades, distanciadas da vida cotidiana em seus países. Usualmente, moravam próximos uns aos outros, mantendo suas famílias apartadas da convivência dos *góí* – como são chamados os não judeus.

O antissemitismo não foi um fenômeno originado com o nazismo; tal sentimento de aversão era, há muito, conhecido no continente europeu. Os judeus eram vistos com desconfiança e horror em muitas regiões e, para agravar a situação, ao se manterem quase que reclusos em suas comunidades, jamais lutaram por direitos políticos ou reconhecimento da cidadania. Aceitavam o apartar da convivência com os demais cidadãos, pensando estarem se preservando das perseguições. No livro *As origens do totalitarismo*, Hannah Arendt também deixa claro que essa situação de desagrado e racismo em relação ao povo judeu estava impregnado na tradição da Cristandade, pensamento disseminado na Europa há longo tempo. Na sua condição de judia, como ela mesma se identificava, considerava que muito do sofrimento imposto aos judeus se deveu a esse sectarismo religioso e político.

Para muitos, encontrar “culpados” pela situação caótica pela qual passava a Alemanha foi um lenitivo para as próprias dores. Se o que a propaganda afirmava era correto, ou seja, que a Europa estava infestada desses usurários e aproveitadores gananciosos, que sobrepujam seus interesses ao bom desenvolvimento do País, era de fato urgente que fossem banidos da convivência e despojados do dinheiro que amealharam. A campanha difamatória, tecida pelo Nacional Socialismo Alemão, fomentou a desinformação e o preconceito, provocando o engano ou, o que também é possível, incitando a disposição de muitos para acreditar no tema e se “permitirem enganar” por conveniência.

O tema do engano e do autoengano se apresenta, então, à luz: alguns alemães foram mesmo enganados pela propaganda tendenciosa, mas muitos optaram por acreditar, movidos por uma série de interesses, manifestos ou não, que compreendem assuntos pessoais e se estendem a carreiras profissionais. Para muitos “solução final” ou extermínio dos “indesejáveis” não passou de uma desinfecção ou assepsia, cujo intento principal era o soerguimento do País. Para esses, participar dessa logística, executar com precisão todas as fases relacionadas ao projeto de purificação da raça ariana, não significava mais do que a execução de tarefas burocráticas como as desenvolvidas pelos demais servidores da sociedade, como os carteiros, os transportadores de bens ou mercadorias, os lixeiros e os coveiros. Tarefas que, por vezes, requeriam certa dose de isenção da própria humanidade por parte de quem as executava, mas que, de qualquer forma, precisavam ser feitas: o carregamento dos trens de deportação, que conduziam pessoas como gado; a seleção dos que ainda tinham força para a execução de trabalhos nos campos e a condução dos fracos, doentes e velhos para o “abate”; os trabalhos relativos aos fornos crematórios; enfim, partes de uma empreitada que foi encarada como tantos outros afazeres profissionais.

O que se seguiu, a partir da ascensão do nazismo e a cooptação de defensores e cooperadores, foi a insana máquina de terror imposta por essas pessoas que se permitiram conduzir por mentiras. É preciso, sem dúvida, considerar que aliado à propaganda difamatória, o medo foi o sentimento produzido na população. Aqueles que não eram seduzidos pelas mentiras, eram aterrorizados pelas ameaças de perdas significativas em suas vidas: perseguições e prisões efetivadas sem qualquer processo ou inquérito, movidas apenas pelas delações, muitas delas falsas, patrocinadas pela polícia especial do partido, as SS¹.

Para Arendt, o significado dessa adesão em massa ao regime traduziu um entendimento de moralidade apenas como uma síntese de usos e maneiras que poderiam ser trocados por outros, sem qualquer exame ou reflexão, como podem ser trocados modos à mesa de refeição ou disposição de pratos e talheres; princípios e valores foram abandonados como se troca de traje a cada nova estação.

¹ Schutzstaffel (destacamento da Guarda), mais conhecida como SS, cujos integrantes eram reconhecidos pelas camisas pretas e tinham a caveira como símbolo. Seu comandante era um dos fiéis seguidores de Hitler, Heinrich Himmler.

É inequívoco que muitos optaram viver a mentira das reformas sociais propaladas pelo nazismo e, quando a falsidade se instalou, iniciou-se o processo de violação dos direitos dos cidadãos, daquilo que sustenta e ordena a vida pública. Segundo Kant, uma mentira não só viola o direito individual dos cidadãos, mas prejudica a relação entre as pessoas de uma maneira generalizada, corrompendo e descaracterizando os acordos entre os pares.

CONCLUSÃO

Arendt cita pensamentos kantianos que ilustram suas considerações acerca do absurdo das ações que marcaram o totalitarismo. Para Kant o conhecimento do que é certo e do que é errado é natural, diferentemente da conduta moral. Para esse autor ninguém deseja o mal, mas sabe que não só a razão orienta a conduta humana; também os sentidos interferem no caminho moral e, por vezes, os homens se veem tentados a praticá-lo. Aquele que pretende agir com más intenções incorre em um “absurdo moral”, porque atua em contradição consigo mesmo, sendo essa contradição causadora do autodesprezo. Enfatizava que o desprezo por si mesmo não era suficiente para conter o mal, porque se poderia evitar esse desrespeito próprio produzindo uma inverdade. “Ele declarou repetidamente que o ‘ponto’ realmente ‘penoso ou desagradável’ na natureza humana é a mendacidade, a capacidade de mentir” (ARENDR, 2004, p. 126).

No pensamento kantiano a questão do respeito por si mesmo era central. Não admitia a possibilidade de um ser humano viver em contradição consigo mesmo, porque considerava isso absurdo, inexecutável. Acima do respeito pelo próximo, o autorrespeito deve ser considerado para uma vida humana conduzida pela moralidade.

Não é certamente uma questão de preocupação com o outro, mas de preocupação consigo mesmo, não é uma questão de humildade, mas de dignidade humana e até de orgulho humano. O padrão não é nem o amor por algum próximo, nem o amor por si próprio, mas respeito por si mesmo (KANT apud ARENDR, 2004, p.131).

Diante dessa premissa, é plausível acreditar que o auto-engano, além da ausência da reflexão crítica, foi um dos motivos que fizeram com que os cidadãos alemães aderissem aos crimes de guerra e, por essa mesma via, tomassem uma atitude autocomplacente ao fim do conflito, utilizando-se do argumento de peças de

um maquinário. Foi esse mesmo auto-engano que produziu a disseminação do argumento da culpa coletiva², tema também enfrentado por Arendt, e o retorno desses indivíduos aos seus afazeres de sempre após o anúncio do final da guerra, quando, da noite para o dia, deixaram de ser nazistas e voltaram a ser como sempre foram, bons cristãos.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Responsabilidade e Julgamento**. Tradução de Rosaura Einchenberg. São Paulo: companhia das Letras, 2004.

KANT, I. **Metafísica dos costumes**. 2. ed. Tradução de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2008.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004. Coleção Obra-Prima de Cada Autor. Vol. 68.

Revista Nazismo – **Revelações sobre Hitler**, o maior assassino da humanidade. Editora Escala, s/d.

² No capítulo intitulado Responsabilidade pessoal sob a ditadura, constante também do livro *Responsabilidade e Julgamento*.